

A ferrovia através da lente estrangeira: fotografias sobre desenvolvimento da ferrovia no México durante o Porfiriato (1890-1911).

Breno Giroto Campos

Breno.giroto@unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP/Assis – SP)

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa

O México é um país com uma robusta produção de imagens. Desde as civilizações anteriores a chegada dos europeus, até o século XXI, a produção de imagens sobre o país é elevada, sejam pinturas, xilogravuras, filmes e fotografias. E a Cultura Visual tem um papel importante na construção da sua identidade nacional. John Mraz (2009) argumenta que, por conta das baixas taxas de alfabetização no México, sua identidade está mais relacionada à visualidade do que a uma cultura textual, aspecto reforçado por ser um país tradicionalmente católico, religião altamente imagética. Assim, estudar a história mexicana é se deparar com uma produção extensa de imagens.

Mraz ainda reforça que a extensa produção de imagens sobre o México pode ser explicada por uma conjunção de fatores, como a presença de paisagens exuberantes, com florestas densas e vulcões eruptivos, a Revolução Mexicana, primeira grande revolução largamente fotografada, e a extraordinária profusão de arquitetura e vestígios humanos das grandes civilizações “Pré-Colombianas”. Estes temas ficaram conhecidos como “*Tipos Mexicanos*” e foram responsáveis por criar uma visão pitoresca do México, sempre imaginado e representado como um país exótico e selvagem ao longo do século XIX e XX.

O governo de Porfirio Díaz foi um momento particular da história mexicana. Se estendendo de 1884 a 1911 através de sucessivas reeleições, o *Porfiriato*, nome pelo qual o regime ficou conhecido, pode ser definido como um período de transição, tanto no campo econômico quanto no social e político. Era necessário superar as estruturas tradicionais, os conflitos sociais e a violência que marcaram a história do país até então e fazer o México adentrar definitivamente na modernidade. A chegada massiva de capitais externos, a expansão da malha ferroviária e dos meios de comunicação, as transformações nas relações de trabalho e a pacificação política imprimidas pelo regime são alguns exemplos das mudanças percebidas neste período.

Este período de desenvolvimento atraiu diversos estrangeiros que se fixaram no país a fim de aproveitar as oportunidades econômicas, dentre eles dois fotógrafos estadunidenses chegaram ao México, Charles B. Waite e Winfield Scott. Ambos foram para o México para atuarem como fotógrafos de empresas férreas e metalúrgicas estadunidenses atraídas pelas oportunidades econômicas do governo de Porfirio Díaz. O desenvolvimento da ferrovia era visto por Díaz como o maior desafio para fazer o México adentrar a modernidade e as extensas viagens destes fotógrafos pelo país serviram para documentar as condições socioeconômicas das províncias em favor dos investidores estrangeiros. Isso faz com que as fotografias de Waite e Scott tenham valor para a compreensão do governo de Porfirio Díaz tanto a respeito do desenvolvimento da infraestrutura do país, bem como pelo seu valor documental das populações de regiões até então pouco exploradas e distantes do centro político mexicano. Nesse sentido, Waite e Scott capturaram as condições de vida das populações campestres em seus diversos contextos culturais, reafirmando com ele uma série de estereótipos com todos seus contrastes e paradoxos.

O Porfiriato e o desenvolvimento da infraestrutura e economia mexicana

Antes de adentrarmos nas produções de ambos os fotógrafos, é necessário compreender a formação e consolidação do governo de Porfirio Díaz, entendido como um divisor de águas para a política mexicana.

Desde a independência, o México foi marcado por conflitos, guerras e invasões estrangeiras. O período entre 1846 e 1867 foi de violentos confrontos e intervenções de potências externas. Destes 21 anos apenas 3 foram de relativa paz e durante os 17 anos de guerra quase a metade foram de intervenções externas: estadunidenses entre 1846-47, e de espanhóis, ingleses e franceses entre 1862 e 1867. Além disso, ocorreram disputas internas pelo modelo político a ser adotado pelo país (unitarismo, federalismo ou monárquico) e o país ainda passou pela ditadura do general Antonio López de Santa Anna entre 1853 e 1855. Isso fez o México mergulhar em um momento de instabilidade profundo que não possibilitava a consolidação da sociedade mexicana.

O período posterior, entre 1867 e 1874, não foi diferente. Foram vistas 24 sublevações inflamadas por caciques locais e rebeliões, como as lideradas pelo próprio Porfirio Díaz através dos planos *La Noria* (1871) e *Tuxtepec* (1876) contra os governos de Benito Juárez e Sebastián Lerdo de Tejada, respectivamente. Neste período, Díaz já era um general reconhecido, principalmente pela sua atuação contra os franceses, e

contava com o descontentamento da população e de caudilhos regionais para realizar um golpe de Estado.

Os planos de Díaz tinham uma plataforma vaga de reforma social e poderiam se resumir a um ponto: o fim da reeleição. A primeira revolta não logrou resultados, apesar de ter obtido certo eco, principalmente em seu Estado natal, Oaxaca, e em alguns estados nortenhos, como Nueva León, Sinaloa, Zacatecas e Durango. Para seu segundo plano, Díaz conquistou apoio de mais atores políticos, como as classes médias urbanas, fazendeiros de pouco destaque e campesinos, com a promessa de fortalecer a autonomia municipal. Apesar de algumas derrotas iniciais, a segunda revolta de Díaz ganhou fôlego principalmente pelos embates entre Lerdo e o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Maria Iglesias, sucessor legal à presidência, que alegou fraudes nas eleições presidenciais de 1876. A pressão de Iglesias e Díaz foi demasiada para Lerdo continuar na presidência, o que levou a sua renúncia. Exigindo novas eleições, Díaz propôs que Iglesias fosse reconhecido como presidente provisório para garantir o pleito, proposta negada pelo presidente do supremo tribunal federal. Mobilizando suas tropas, Díaz derrotou Iglesias e na primavera de 1877 se tornou o novo presidente mexicano em seu primeiro mandato (KATZ, 1992).

Alguns aspectos marcam este primeiro mandato de Díaz (1877-1880) e serviram de base para o Porfiriato. Em primeiro lugar foi sua postura de concessão e repressão no campo político. Se por um lado Díaz honrou seu compromisso de não concorrer à reeleição, por outro utilizou a máquina do Estado para evitar e suprimir rebeliões tanto das elites locais quanto de populações campesinas. Em segundo lugar, foi neste período que as características que definiram seu regime foram definidas, como o estreitamento de laços com Estados Unidos e Europa para atrair investimentos, a concessão de benefícios para estes investidores estrangeiros e a manutenção da estabilidade política a qualquer custo. Este último ponto, diga-se, era o essencial para o projeto de sociedade porfirista.

Poucos avanços foram percebidos durante o primeiro governo de Porfirio Díaz, o que desagradou sua base de apoio, mas serviu para eleger seu aliado Manuel González para o mandato de 1880-84. González, por sua vez, fez bom trabalho na primeira parte de seu mandato, mas enfrentou dificuldades no restante, tendo que lidar com revoltas populares e perda de prestígio. Isso abriu caminho para o retorno de Díaz em 1884.

Segundo Friedrich Katz (1992), o segundo mandato de Porfirio Díaz se tornou a primeira ditadura de fato e duradoura que se estabeleceu no México independente. Neste mandato, Díaz impediu que seus opositores se elessem ao Congresso e o transformou

em uma instância política para referendar suas escolhas. Já em 1888, o Congresso se tornou uma instituição sem sentido, visto que cada candidato teria que receber a aprovação prévia do presidente da república para poder se eleger ou reeleger. E formando um congresso subserviente, Díaz conseguiu a aprovação da reeleição e ampliação do mandato para 6 anos. A imprensa de oposição também foi silenciada, tendo apenas espaço em jornais de pouca tiragem.

A consolidação do poder de Díaz se deu a partir de dois pontos: através de mecanismos de repressão e concessão a grupos políticos locais que ficou conhecido como Pax Porfiriana; e da formação de um Estado mexicano forte e eficaz que efetivaria as condições necessárias para o país se inserir nas relações globais de capital. A pacificação do país foi um processo complexo e multifacetado que logrou resultados até o final do século XIX e foi possibilitado em grande parte pela estabilidade econômica do período.

A pacificação política e a modernização nas relações de produção caminharam juntas nesse período. Para controlar os chefes locais, Díaz possibilitou que eles enriquecessem como intermediários dos investidores estrangeiros, dessa forma estes próprios caciques regionais também ajudariam na manutenção da estabilidade local, uma vez que qualquer revolta afastaria os investidores. Outras formas de atingir a tão esperada pacificação do país foram utilizadas, como trocar de líderes locais por homens leais à Díaz, nomear militares de outros estados como vigilantes dos funcionários civis e transformar administradores de distritos, cargo com pouco prestígio político, em chefes locais.

Assim como para os caudilhos, Díaz se fez da repressão e distensão com os militares também. Por um lado, aumentou o orçamento militar, adquiriu equipamentos modernos na Europa e entregou importantes cargos políticos a chefes militares. Por outro lado, Díaz enfraqueceu o exército através da criação de forças paramilitares, como os *Rurales*, que ficavam responsáveis pela repressão às rebeliões internas. Ao mesmo tempo, Díaz incorporou alguns dos principais bandoleiros às unidades policiais com o fim de utilizar suas experiências e afastá-los do banditismo.

Outro grupo silenciado por Díaz foi a classe média, grupo avesso à ideia de construir um governo centralizado. Organizados a partir do congresso e periódicos de oposição, Díaz também utilizou sua tática de tensionar e distensionar para controlar este grupo. Se por um lado Díaz impediu que grupos opositores se elegessem ao congresso e tornou ilegal os períodos de oposição, por outro ampliou os cargos burocráticos estatais e concedeu cargos antes dos caciques locais a este grupo.

Dessa forma, a estratégia do regime de Díaz era tensionar e distensionar as relações políticas, entregando benesses aos grupos de potencial oposição ao regime, ao mesmo tempo que limitava suas atuações no campo político. De maneira geral, o fortalecimento do estado porfirista custou grande parte do poder das classes média e alta tradicionais que, em compensação, participaram de maneira mais efetiva e direta do desenvolvimento econômico do período.

Mas esta não foi a estratégia contra os grupos campestres tradicionais e indígenas que eram vistos como um entrave para a modernização do país. Para estes grupos a repressão e a perda de direitos foram a tônica do regime. Apesar da intensa expropriação das terras indígenas desde a chegada dos europeus, algumas comunidades conseguiram manter certo grau de posse e autonomia de suas terras, o que se alterava tanto para mais, quanto para menos com as mudanças de regime e governos. Com o fortalecimento do aparato estatal durante o governo de Porfirio Díaz juntamente com maiores investimentos de capital estrangeiro visando a extração mineral e ampliação das ferrovias, estas terras comunais foram alvo de processos de expropriação radicais, o que levou a perda tanto da posse da terra quanto da autonomia política destas comunidades. Os beneficiados com este processo foram os grandes latifundiários, caciques locais, investidores estrangeiros e membros mais abastados destas comunidades.

É bem verdade que a expansão e modernização econômica do México não começou no Porfiriato, mas é certo que este foi um período chave para o desenvolvimento do país pela sua profundidade e duração. A estratégia do governo era atrair investidores estrangeiros, principalmente estadunidenses e europeus, prometendo vultuosos lucros e vantajosas concessões, e desenvolver a rede de comunicação e transportes do país, para assim promover sua integração.

Pode-se dividir o desenvolvimento econômico observado durante o período em duas etapas. A primeira, ocorrida nos anos 1880, criou a infraestrutura básica para a segunda etapa do desenvolvimento, a partir dos anos 1890, como a rede de comunicação e transporte. Graças ao saneamento das finanças públicas e à créditos internacionais adquiridos através de empréstimos, o governo Díaz conseguiu capital para expandir a infraestrutura do país com a construção de ferrovias, telégrafos, portos e rede de telefonia. A construção da malha ferroviária ficou nas mãos de empresas estrangeiras, principalmente estadunidenses e inglesas, que receberam diversos benefícios dos governos estaduais e federal, como subsídios, isenção de impostos e concessão de minas e terras por onde passavam as linhas férreas. Esta estratégia do governo mexicano logrou

resultados. Segundo Guerra (1991), a extensão das linhas férreas mexicanas passou de 640 km em 1875 para 5.852 km em 1885, 12.172 km em 1898, chegando aos 19.980 km em 1910. O traçado das vias segue o itinerário secular do México: partem da região central, a mais populosa, seguindo para os portos e para a região Norte do país, estas últimas com o objetivo de conectar o México aos Estados Unidos. As linhas férreas, dessa forma, se dirigem de maneira geral às regiões mais povoadas ou que possuam recursos naturais a serem explorados. Este setor foi quase que absolutamente dominado pelo capital externo, onde mais de 94% dos investimentos foram feitos por empresas estadunidenses, ingleses e franceses.

Esta primeira etapa criou as bases para a segunda expansão da economia e a aceleração do crescimento ocorrida a partir dos anos 1890, onde as áreas de mineração e agricultura se desenvolveram. A mineração, por exemplo, cresceu destacadamente multiplicando seu valor em 10 vezes, passando de 9 milhões de pesos para 90 milhões entre 1890 e 1907 (CHÁVEZ, 2000, p. 269).

As transformações na produção, a inovação tecnológica e a constante injeção de capitais conduziram, em um primeiro momento, a uma maior produtividade, qualidade da mão de obra e crescimento do PIB a uma taxa de 3 a 4,7% entre 1890-1903. No entanto, esse desenvolvimento econômico decaiu após 1900, muito por conta da negligência da administração Díaz para com a indústria nacional, nunca dispendo de leis e mecanismos para proteger a produção local. O governo Díaz nunca teve um projeto de desenvolvimento industrial ou transferência de tecnologia, seu desenvolvimento era estritamente baseado na atração de investimentos externos, sejam estadunidenses ou europeus, mas com nenhuma preocupação protecionista. Seu governo também não se preocupou com o desenvolvimento social e obteve crescimento tímido na alfabetização, passando de 14 para 19% da população, e formação profissional, passando de 720 para 1062 matrículas anuais em cursos técnicos, entre 1895 e 1910 (KATZ, 1992, p. 37).

Dessa forma, é necessário compreender o período que Porfirio Díaz esteve no poder como um momento de mudanças para o México, tanto no campo político quanto econômico. Se por um lado podemos afirmar que foi um período de relativa estabilidade política que possibilitou o funcionamento do governo, por outro devemos entender que esta estabilidade foi posta a partir de negociações com grupos dissidentes que limitaram sua atuação política, fazendo estes ficarem dependentes do próprio regime, e repressões para aqueles grupos que se apresentavam como entrave para o projeto de nação do regime. No âmbito econômico, o porfiriato também deve ser analisado com relatividade, pois se

de fato tem êxitos em modernizar a economia mexicana, com o desenvolvimento da infraestrutura de transporte, comunicação e indústria de base, estes avanços mantiveram o país dependente do capital externo e não se traduziram em ganhos sociais para as populações menos favorecidas, e, muitas vezes, levou a retrocesso dos direitos de grupos indígenas e camponeses.

Charles B. Waite e Winfield Scott: entre o moderno e o pictórico

Ao analisar o governo de Porfirio Díaz, percebe-se que a ferrovia teve um papel importante para o desenvolvimento econômico do país, bem como para a consolidação do regime. Desenvolvida majoritariamente a partir de capitais externos, as companhias férreas constantemente enviavam fotógrafos comissionados para documentar o progresso da malha ferroviária e justificar os investimentos aos acionistas. Charles B. Waite e Winfield Scott atuaram no México, dentre diversas áreas, na documentação de ferrovias e paisagens adjacentes em nome de companhias como a *Fierrocarrile Central Mexicano*. Suas fotografias eram anexadas aos relatórios das empresas e enviados a acionistas que poderiam analisar o impacto gerado pela chegada das ferrovias, principalmente na exploração econômica, mas também no turismo do país.

C. B. Waite nasceu em Ohio em 1861. Começando sua carreira como fotógrafo na Califórnia, ele se mudou para o México com sua família nos anos 1890. Waite faz parte de um grupo de estadunidenses que se dirigiu ao México durante o governo de Porfirio Díaz atraídos pelas novas oportunidades econômicas. Ao sul da fronteira, ele conseguiu estabelecer uma carreira sólida na fotografia e conquistou reconhecimento da sociedade porfirista, chegando a trabalhar como fotógrafo da visita oficial do secretário de Estado dos Estados Unidos Elihu Root em 1907, fotografou as comemoração do Centenário da Independência do México em 1910, e desde 1901 se dedicou de maneira ininterrupta a viajar pelo país colaborando com expedições científicas e arqueológicas ou para editoras que publicavam guias de viagem e cartões postais. C. B. Waite, como assinava suas fotografias, apresentou uma visão única do México porfirista, um olhar estrangeiro que estava profundamente inserido nesta sociedade. Dentre as temáticas que chamavam sua atenção, destacam as fotografias de ruínas pré-colombianas, paisagens urbanas e naturais, vilas e populações nativas em condições de pobreza (BENIGNO, 2010).

Winfield Scott nasceu no Michigan em 1863 e foi para o México atraído pelas grandes oportunidades econômicas geradas com a chegada de investimentos estrangeiros. Em 1888 ele visita o país por seis meses, mas foi a partir de 1895 que Scott se estabelece

no México e atuou como fotógrafo da empresa *Fierrocarril Central*. Com este trabalho, Scott contribuiu para revelar a ambiguidade do mundo industrializado e do atraso das sociedades rurais mexicanas. Suas primeiras fotografias se resumem aos arredores das estações ferroviárias e linhas férreas, documentando suas paisagens e populações. Sujeitos do campo e suas famílias tornaram-se, assim, elementos predominantes em seu trabalho, que passou a se destacar dos demais colegas pela naturalidade alcançada em termos de representação e aspectos estilísticos.

Os trabalhos de Waite e Scott estão entre a fotografia documental e o pitoresco. Em seus registros o contexto sociocultural do elemento fotografado era tão importante quanto o elemento fotografado em si. Com isso, estes fotógrafos se distanciavam de certas formas de representação estereotipada que já haviam sido realizadas por seus predecessores e partem para uma abordagem documental, deixando de lado um olhar puramente estético e que isolava o objeto fotografado do contexto que estava inserido, seja eles pessoas ou as paisagens e seus elementos. Neste sentido, as produções destes fotógrafos se aproximavam dos trabalhos de fotógrafos como William Henry Jackson e Albert Briquet, que começaram a tradição de registrar seus personagens in loco e em seu próprio entorno sociocultural. Apesar de Waite e Scott também fotografarem em estúdio, muito de seus registros ocorriam em ruas, parques, pequenos vilarejos, campos e paisagens montanhosas. Suas fotografias apresentavam as populações mexicanas em seu cotidiano, seja no campo ou nas cidades, com suas roupas tradicionais ou em seus trabalhos diários. Extratores de cauchos, aguadoras e lavadeiras em leitos de rios, populações indígenas em suas aldeias, pulqueiros e demais trabalhadores urbanos eram temas recorrentes em suas fotografias de tipos populares.

As paisagens urbanas e naturais eram temas presentes em suas fotografias também. No contexto urbano, além do cotidiano das populações, o tema que mais interessavam os fotógrafos era a modernização das cidades, destacadamente da capital Cidade do México, com a reforma de vias, parques e praças públicas. As igrejas também foram recorrentemente documentadas pela dupla de fotógrafos, atraídos pela sua arquitetura colonial e pela religiosidade do povo mexicano. Detalhes como a fachada e seu interior, bem como o entorno delas, sejam vias urbanas ou campos e plantações no meio rural, inseriam as igrejas em um contexto mais amplo.

Quanto as paisagens naturais, os temas recorrentes eram os vulcões Popocatepetl e Iztaccihuatl com seus picos nevados acima das nuvens, sempre imponentes frente a cadeia de montanhas e cidades. As fotografias de paisagens eram temas recorrentes dos

fotógrafos por conta dos trabalhos que eles realizaram no México, contratados por revistas, guias de viagens, expedições geológicas ou fotógrafos comissionados para companhias férreas. Sobre as ferrovias, os trabalhos de Waite e Scott se dedicavam a registrar os entornos das vias férreas e estações ferroviárias, destacando o potencial econômico da região e os elementos paisagísticos vencidos para a constituição das estruturas férreas.

A fotografia *Vias ferreas, vista hacia um tunel* (figura 1) mostra uma ferrovia que contorna e adentra uma montanha, além de um carro com trabalhadores na entrada do túnel. Fotografias como esta eram encomendadas pelas companhias férreas para acompanhar o desenvolvimento da estrutura viária e conhecer os entornos das regiões exploradas. Outra fotografia, *“Zapotlan Branch”, acueduto y vía de ferrocarril* (figura 2) apresenta a ferrovia abrindo um caminho rochoso e ao fundo é possível ver um aqueduto. Esta imagem é particularmente interessante por estes dois elementos que representam as sucessivas ondas de exploração do México, em primeiro lugar o aqueduto, resultado do contexto de exploração colonial, e em segundo a própria ferrovia, elemento que representa a modernidade e a exploração do século XIX. A diversidade de paisagens nos entornos das ferrovias também chama a atenção ao se analisar as fotografias de Waite e Scott. Em *Via ferrea de “Atoyac”, Veracruz* (figura 3), diferentemente das anteriores, não vemos a ferrovia em encostas de montanhas ou mesmo atravessando elas por túneis, mas uma paisagem arborizada próximo a uma cidade.

As fotografias de ferrovias não se dedicavam apenas a documentar as paisagens pela qual elas passavam, as populações que viviam no entorno das vias também era tema de suas fotografias. Em *Mujeres preparando alimento en el campo* (figura 4) vemos no primeiro plano da imagem uma família sentada embaixo de uma árvore preparando uma refeição. Não destacado pelo título, um homem de chapéu também compõe a fotografia e vemos uma das mulheres amamentando um bebê. Duas crianças, provavelmente filhas do casal, são as únicas a olhar para a câmera enquanto os demais se dedicam aos afazeres momentâneos. Atrás desta cena, em segundo plano, vemos a ferrovia cortando a fotografia, quase como um elemento anexo e com pouco destaque.

Assim, podemos entender que as fotografias de Charles B. Waite e Winfield Scott, apesar de muitas vezes colocarem a ferrovia no centro temático de suas produções, se interessavam pelo que estava além da estrutura férrea, produzindo fotografias autorais e documentais sobre o cotidiano das cidades, dos trabalhadores urbanos e rurais, e dos entornos das vias férreas. Suas fotografias davam luz a grupos e paisagens até então pouco

documentados por fotógrafos mexicanos e estrangeiros, muitas vezes dedicados a fotografia de estúdio e ao contexto urbano do México. Nas fotografias de Waite e Scott podemos ver o desenvolvimento que o país atravessava durante o regime de Porfirio Díaz, sem ignorar as populações que foram deixadas de lado dessa marcha do progresso conduzida pelo ritmo da locomotiva.

Figuras

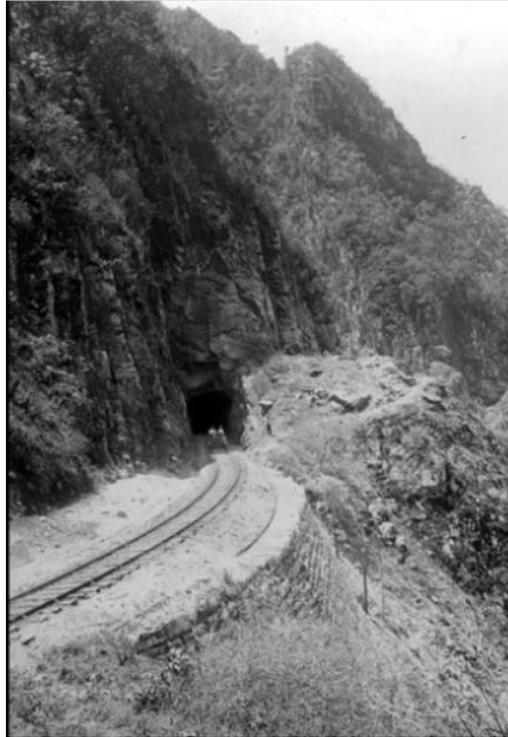


Figura 1 - Vias ferreas, vista hacia un tunel
Fonte: Fototeca da INAH



Figura 2 - "Zapotlan Branch" acueducto y vía de ferrocarril.
Fuente: Fototeca do INAH



Figura 3 - Vía ferrea de "Atoyac" , Veracruz
Fuente: Fototeca da INAH



Figura 4 - Mujeres preparando alimentos en el campo
Fonte: Fototeca da INAH

Bibliografía

BARBOSA, C. A. S. A fotografia a serviço de Clio. São Paulo: Editora UNESP, 2006

BETHELL, L. (Ed.) História de América Latina. México, América Central y el Caribe [vol. 9]. Barcelona: Editorial Crítica. 1992.

Casas, B. “Charles B. Waite y Winfield Scott: lo documental y lo estético en su obra fotográfica”, en *Dimensión Antropológica*, vol. 48, enero-abril, 2010, pp. 221-244.

Disponible en: <http://www.dimensionantropologica.inah.gob.mx/?p=4570>

CHÁVEZ, A. H. México una breve historia: del mundo indígena al siglo xx. Cidade do México: Fondo de cultura económica, 2000.

GUERRA, F. México: del Antiguo Régimen a la Revolución [vol. 1]. Cidade do México. Fondo de Cultura Económica, 1991.

KATZ, F. Capítulo 1. México: la restauración de la República y el Porfiriato *In*: BETHEL, L. Historia de América Latina vol. 9: México, América Central y el Caribe (1870-1930). Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p. 13-77.

_____. De Díaz a Madero. Cidade do México: Ediciones Era, 2004.

KOSSOY, B. Fotografia e História. São Paulo: Ateliên Editorial, 2001.

MRAZ, J. Looking for Mexico: Modern visual culture and national identity. Durham e Londres: Duke University Press, 2009.

REMOND, R. Por Uma História Política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RUIZ, Jason. Americans in the treasure house travel to Porfirian Mexico and the cultural politics of empire. Austin, Estados Unidos: University of Texas Press, 2004.

TAGG, J. El peso de la representación: ensayos sobre fotografías e historias. Barcelona: FotoGGrafía, 2005.